

# "AQUISSE COMEÇA HUÛ EXÊPLO PERQUE PODE HOMÊ ENTÊDER ALGÛAS DIFERENÇAS ANTRE DOUS MANUSCRITOS QUE DE CONSUÛ TRATAM DA UIDA DE TASSIS MOLHER QUE FOY MUY PÊCADOR"

Américo Venâncio Lopes Machado Filho \*

**RESUMO:** Este artigo se concentra na comparação lingüística entre dois manuscritos medievais portugueses, datáveis dos séculos XIV e XV, que relatam a vida de Tarsis (grande pecadora que posteriormente se converte aos dogmas cristãos), respectivamente editados por Machado Filho (2000) e Martins (1985) e sobre os quais se estabelecem, analiticamente, breves correlações e dessemelhanças, tanto em nível de conteúdo e grafia, quanto no tocante a aspectos de natureza morfossintática.

**Palavras-chave:** Lingüística Histórica, mudança lingüística, português arcaico, manuscritos medievais.

*É erro grosso imaginar que o português arcaico é uma língua imperfeita, rude, hesitante, infantil, como imaginaram os impostores do século XVII. (Vasconcelos, 1946, p. 18).*

## 1. A PROPÓSITO DO TÍTULO

**N**

ão parece poder causar grande dificuldade de leitura, senão de ordem principalmente lexical, o título deste artigo.

À exceção de algumas intervenções de natureza ortográfica, que certamente refletiriam mudanças no nível fônico e prosódico da língua, uma tentativa de atualização do título acima, muito provavelmente, não avançaria além da morfologia nominal e do vocabulário empregado.

\* Universidade Federal da Bahia.

O português escrito dos finais do período arcaico,<sup>1</sup> separado do português contemporâneo pelos aproximadamente 500 anos que a taxionomia lingüística lhe costuma interpor, parece ainda permitir certa inteligibilidade mesmo ao leitor comum.

Essa inteligibilidade, entretanto, como parece lúcido se esperar – nomeadamente ao que concerne aos fenômenos lingüísticos – é relativa e parcial. Submete-se, naturalmente, à extensão, à seleção e muitas vezes à própria qualidade da edição do *corpus* que se ofereça à observação.

Na frágil ponte, formada de vestígios escritos, por que se delineiam a história da língua e as mudanças que se lhe operaram, surgem muitas vezes elementos muito aliciantes e, principalmente, bastante adequados à análise lingüística histórico-comparativa, mormente pela possibilidade que se configura de se poder reconstruir ou ao menos se esboçar, mesmo que tangencialmente, alguns dos pilares constituintes das diversas feições assumidas na trajetória dessa língua.

É, por exemplo, o caso dos apógrafos ou de documentos de diferentes momentos da língua, mas cujo conteúdo temático se entrecruza a ponto de permitir uma comparação sistemática, em que os resultados possam referendar, ou ocasionalmente contrariar, o que se tem afirmado sobre alguns aspectos indicadores de diferentes estágios ou fases da língua, especialmente no tocante ao português.

Aqui se pretende, pois, oferecer um cotejo lingüístico, conquanto bastante breve, entre alguns aspectos patentes em dois desses documentos.

## 2. [MDA DE TARSIS]: OS MANUSCRITOS E AS EDIÇÕES

A hagiografia medieval, enquanto instrumento auxiliar de educação religiosa, difusão e manutenção do poder da Igreja contra as cor-

<sup>1</sup> Diversas são as tentativas de delimitação do período arcaico do português. Aqui se considera o período compreendido entre o surgimento dos primeiros documentos escritos, que até hoje se situa nos inícios do século XIII, e a publicação das primeiras reflexões

rentes heréticas que se lhe interpunham, conheceu uma tradição escrita de grande disseminação que "punha em movimento dezenas ou até centenas de tradutores", enquanto "obras literárias de outra espécie conheciam 'tiragens' de um, dois ou três exemplares" (Marques, 1964, p. 192).

Muitas vidas de santos mereceram traduções desde o grego, passando pelo latim, até terem sua versão nas línguas românicas que se firmavam, como no caso do português, de que eram muitas vezes também copiadas, como se pode depreender dos indícios paleográficos que normalmente nelas se apresentam.

Duas dessas versões portuguesas de um mesmo texto, cujo estema ainda seria difícil precisar, já que para tanto "seria necessário chamar à colação todas as versões conhecidas (...), quer em português, quer em outras línguas" (Castro, 1985, p. 6), são foco deste artigo.

Após dirigir a equipe responsável pela edição de diversas vidas de santos integrantes do manuscrito alcobacense CCLXVI, datável do século XV, que foram publicadas entre os anos de 1982 e 1985, na *Revista Lusitana*, Ivo Castro colige esses trabalhos em separata da referida revista, propiciando uma visão de conjunto dessas edições, que propugnavam critérios homogêneos de transcrição (Castro, 1985).

Como se adverte em sua apresentação, nenhuma dessas obras se encontrava inédita: [Vida de Tarsis], [Vida de uma Monja], [Vida de Santa Pelágia], [Morte de São Jerônimo], [Visão de Túndalo], [Vida de Eufrosina] e [Vida de Santa Maria Egípcíaca] já haviam merecido leituras anteriores, tendo sido as cinco primeiras editadas pelo ilustre filólogo português José Joaquim Nunes e as demais pelo filólogo suíço Jules Cornu.<sup>2</sup>

Dentre as referidas vidas de santos, as histórias relativas às vidas de *Tarsis* e de *uma Monja*, editadas por Ana Maria Martins, e de *Santa*

metalingüísticas sobre o português: as gramáticas de Fernão de Oliveira, de 1536, e de João de Barros, de 1540, fato que comumente serve de baliza final, junto a outros fatores extralingüísticos.

<sup>2</sup> Cf. Castro (1985).

FILHO, Américo Venâncio Lopes Machado. "Aquisse começa huũ exēplo perque pode homẽ entēder algũas diferenças antre dous manuscritos que de consuũ tratam da vida de...

*Pelágia*, por Luiz Fagundes Duarte, foram identificadas, ao se empreender a leitura paleográfico-interpretativa para constituição de *corpus* de pesquisa de doutoramento (Machado Filho, 2000),<sup>3</sup> em outro manuscrito, um *Flos Sanctorum*, provavelmente mais antigo, com datação atribuída ao século XIV, documento que, conjuntamente com os *Diálogos de São Gregório* e o *Livro das Aves*, integrou a coleção particular do professor Serafim da Silva Neto, e que desde 1964 faz parte do acervo de obras raras da Biblioteca da Universidade de Brasília.

A distância temporal entre os códices originais e a origem incerta de produção desse *Flos Sanctorum* impulsionaram o interesse de se procurar estabelecer no presente trabalho o confronto direto da linguagem patente nos referidos documentos, já que a observação de diferenças não apenas poderia indicar aspectos de fases distintas da língua, mas, quiçá, do espaço geo-dialetal em que se produziram esses manuscritos.

Considerando-se a extensão do texto e algumas características peculiares identificadas na primeira abordagem, optou-se, agora, por se trabalhar com as duas versões da [Vida de Tarsis], ou seja, as edições realizadas por Machado Filho (2000), doravante Versão A, e por Martins (1985), Versão B, respectivamente, sobre o *Flos Sanctorum* (ms. Serafim da Silva Neto), trecentista, e sobre o códice alcobacense CCLXVI, quatrocentista, condicionando, a um trabalho futuro, portanto, a análise da [Vida de Santa Pelágia], cuja narrativa é deveras longa para um artigo, e [Vida de uma Monja], que no *Flos Sanctorum* se encontra fragmentária.

Tassis ou Tarsis, conhecida em inglês como *Thais*, cuja vida teria sido provavelmente uma criação, "nothing more than a moral tale, written for edification"<sup>4</sup> (Attwater, 1965, p. 320), é apresentada por esse autor de forma que, em linhas gerais, coaduna, senão por alguns

*Filol. lingüist. port.*, n. 4, p. 69-95, 2001.

pequenos detalhes, como se pode detectar na leitura do documentos, com o que se encontra expresso nos manuscritos selecionados para análise:

a notorious harlot, very beautiful and very wealthy, who lived in Egypt during the fourth century. St Paphuntius, or some other desert monk, was fired with the idea of bringing her back to a virtuous life, an enterprise in which he was successful at their first meeting. She made a public bonfire of her wardrobe and jewellery, and was then taken to a house of nuns, where she entered on a penitential course, never leaving her cell. After three years she was readmitted to the church's communion, and died a forty night later (Attwater, 1965, p. 320).<sup>5</sup>

Embora os critérios adotados em cada uma das edições não tenham sido exatamente os mesmos, em ambos os trabalhos norteou a edição, porém, a preocupação de se manter fiel, dentro do possível, ao texto original, distanciando-se muito pouco das características de seus manuscritos, o que assegura a propriedade do confronto.

É de se observar que é diferente a indicação de mudança de linha nas duas edições, aparecendo o sinal / em Martins (1985) e o símbolo | em Machado Filho (2000), detalhe fundamentalmente importante para facilitar suas leituras, assim como permitir comentários sobre a pontuação, que mais adiante, muito superficialmente, se empreendem.

A numeração das notas das edições obedece à numeração automaticamente definida pelo editor de textos informático utilizado na elaboração deste trabalho. Para efeito de clareza, as notas de Martins (1985) se apresentam em fonte diferente, destacando-se da edição de Machado Filho (2000), que mantém a seleção original para este artigo.

Os textos editados se apresentam a seguir.

<sup>3</sup> Tem-se notícia, por meio de correspondência com o professor Harvey Sharrer, da Universidade da Califórnia – Santa Bárbara, como em outro trabalho já se anunciou, que o professor Arthur Askins, da Universidade da Califórnia – Berkeley, teria empreendido uma leitura integral do *Flos Sanctorum*, mas a cuja edição ainda não se teve acesso.

<sup>4</sup> Trad.: "nada mais que uma estória moral, escrita para instrução".

<sup>5</sup> Trad.: uma rameira muito conhecida, muito bonita e muito rica, que viveu no Egito durante o quarto século. São Panúncio, ou outro monge do deserto, foi instigado a convertê-la a uma vida de virtude, o que conseguiu no primeiro encontro. Ela fez uma fogueira com suas roupas e jóias em praça pública, e foi levada a um convento de freiras, em que seguiu um curso de penitência, sem jamais sair de sua cela. Após três anos foi readmitida à comunhão, e morreu, quarenta noites depois.

### 3. OS TEXTOS EDITADOS

[VIDA DE TASSIS]

Versão A

ed. Américo Venâncio Lopes Machado Filho

Fólio 63vº c.2 1.18><sup>6</sup> Aquisse segue outro exem- |<sup>7</sup> plo per que se da aentender que se os pecado- | res quando pecado fazê entêdessem que | Deus que os uée assi come verdade. ley- | xariã de pecar e fariam péendença.<sup>8</sup> | H<sup>9</sup>ua mulher foy enterra do Egipto | publica pecador queauia nome | Tassis. eera tã fremosa queos homês uê | diã oque auiã peraa [p]<sup>10</sup>oder auer. e muytos | se matauã por ela. enguysa queas porta- | es da sa casa. iaziã todos | cheos de san- | guy dos homês que se hi matauã por | ela. Pois queo Abade Pannucio ouuyo | amaa fama | daquesta mulher / tomou Ves- | tidura de Segral. ehuũ soldo consigo | efoysse peraaquela Cidade hu era aquela | mulher pecador ! e el entrãdo ensa casa. | deulhi aquel soldo / come se quisesse pecar | cõela cáa tãtolhi daua cada huũ dos < 1.36<sup>12</sup>

Fólio 64rº c.1 1.01> outros. Ela tomoo pela<sup>13</sup> mão e cõuidoo. que | seuisse cõ ela enhuũ leyto estrado de ue- | stiduras preciosas. Eele lhi disse. Ahy ou- | tro logar mais ascondudo. pera el nos ua- | amos? Ela lhi disse. ou tu as uergonha | dos homês. ou de Deus. seo fazes polos | homês. eu ti digo que en aqueste logar | enque nos séemos. nõ entra homê domũ- | do queiseia. se nõ quẽ eu hy trago? Se de | Deus as uergonha. eu ti digo que nõ ha | logar tã ascondudo enque Deus presente nõ | seja eenque nõ ueia todalas cousas que se | hi fazê. E pois oAbade Pãnicio esto ou- | uyo. disselhi. Essabes tu que ahy Deus? | Eela disse. sey / quea hy Deus ! esey que no seu | Reyno an de Reynar todolos bõos con | el ! e no jnferno an deséer atormêtdados. | todos aqueles queenpecado mortal morre- | ren. pera todo sempre ia mais. Eo Abade | Pannucio disse. e

se tu esto sabes. por | que leixas perder tãtas almas per ti. ca nõ | solamête es tehuda adar razon da tua. | mais daquelas que se perdem perti. E pois Tas- | sis esto ouuyo. deytouse aos pées do | Abade erogoo cõ muytas lagrimas que | lhi desse péendêça deseus pecados. ca cõ- | fio eu tãto de nostro senhor que selhi tu ro- | gares pormj. quemj perdo[e]<sup>15</sup> as maldades que | lheu fiz. Ede pois que esto disse. tomou | todalas cousas que gaanhara enpecado e | fez fazer hũa fogueyra en meya acidade | muy grande. edisse agrandes brãados. to- | dos aqueles que comigo pecastes. uijnde | uéer como eu queymo todalas cousas | quemj destes. Etodas aquelas cousas que | queria queymar poderiã ualer. quinhêtas < 1.36

Fólio 64rº c.2 1.01> libras douro. Edepois que queymo todalas | cousas que gaanhara enpecado. ueosse | cõ oAbade Pãnicio ahuũ logar hulhel. | mādou. eel meteu a enhuũ Moesteiro. de | uirgêes ! e ensarroa enhũa Cela pequena | que hy Auia ! eseelou aporta da Cela | de chũbo. Eleixou hi hũa feestra pe- | quena perquelhi dessem huũ pouco de pã e | pouca dagua. Eassio faziã aqueles que hi | erã per mādado do abade quelhilo rogara. | E pois que se oAbade quis dela partir. pregun- | tãto Tassis. hu mandas padre que uerta | mha agua? Eo abade respondeu entã | Cela assi como tu mereces. Epreguntoo | outra uegada Tassis. ensiname como | deuo Aorar Deus? Eel disselhi. por que | Ata boca he chea de maldade. nõ deus | nomear osancto nome de Deus. nõ estender | tas mãos Ao ceo. por que as tas mãos | son cheas de muyto lixo. mais assê- | tate entã Cela. e uolui teu rostro | cõtra oriũete. edi muytas uegadas | esta parauoa. Senhor quemẽ fezisti amercea- | te demj. Ede pois que esta Tassis esteue | en esta péendêça per tres Anos. oabade | Pannucio quea ali ensarrara. ouue de- | la muy gram dõo pola péendença grande | que faziã. Eueo logo Ao Abade Antonio | peralhi preguntar. selhi perdoara ia Deus. | todos seus pecados. se nõ. E pois quelhj | contou todo seu feyto daquela que iazia en- | sarrada. oabade Antonio mādou cha- | mar todos seus discipolus. e disselhis | que aquela noyte vigiasse todos. e roga- | sse nostro senhor quelhes mostrasse arrazon. | porqueo Abade Pannucio ueera Aseu < 1.36

Fólio 64vº c.1 1.01> Moesteiro. Eestãdo cada huũ deles ensa ora- | çom e rogãdo aDeus por aquelo quelhis man- | dara seu Abade Antonio. Oabade Pau- | lo omayor discipulo de sancto Antonio uyo | noceo huũ leyto de muy preciosas uesti- | duras e aguardauano tres uirgêes muy | fremosas. Epor que el disse tã gram bẽ come | este. nõ he doutro. se nõ domeu padre | Antonio. disserõlhi. logo. Aqueste leyto | tã precioso que tu uées. nõ he de teu padre | Antonio. mais he de Tassis publica | pecador. E pois en outro dia de manhã | oAbade Paulo. contou esta vison que uira | ao Abade Antonio eatodolos seus disci- | pulos.

<sup>6</sup> Fólio, coluna e linha em que se inicia.

<sup>7</sup> As barras verticais indicam a distribuição das linhas do texto no original.

<sup>8</sup> Título ocupando parte direita da linha 18 e as linhas 19 a 22.

<sup>9</sup> Letrina ornada com filigranas e antenas, ocupando as linhas 21 a 23.

<sup>10</sup> Dobra no manuscrito não permite a leitura da letra "p" com nitidez.

<sup>11</sup> Sinal de alinhamento de margem inserido à direita no original.

<sup>12</sup> Indicação da linha final no respectivo fólio.

<sup>13</sup> Observa-se, no original, um sinal semelhante a uma plica sobre a letra "a", sem função aparente.

<sup>14</sup> Sinal de alinhamento de margem inserido à direita no original.

<sup>15</sup> Dobra no manuscrito não permite a leitura da letra "e" com nitidez.

FILHO, Américo Venâncio Lopes Machado. "Aquisse começa huũ exēplo perque pode homẽ entēder algũas diferenças antre dous manuscritos que de consuũ tratam da vida de...

Oabade Pãnucio que uēera AoMo- | esteiro pera saber oestado  
enque era Tassis. | pois conheceu eentēdeu auontade de | Deus  
eque recebera ia apēdença daquela pu- | blica pecador que el  
ensarrara na Cela. | foyse logo pera aquele Moesteiro. enque  
ela iazia | ensarrada. eabrio aporta da Cela que | era seelada  
de chũbo que ele hi posera. E | ela orogaua quea leixasse aynda  
hi iazer. | ensarrada. Ede pois que aporta foy aberta. |  
disselhi oabade. sabi que Deus ti perdóou ia | os teus pecados.  
Eela lhi respondeu. | Deus trago por testemoia que de pois que  
| aqui entrey. iuntye todolos meus pecados | efizi deles come  
carrega. epugios An- | tos meus olhos. eassi como homẽ nõ |  
pode estar hũa ora que nõ espire eque | nõ bafege. assi os meus  
pecados nõcas- | se partiron dos meus olhos. Eutēdóos | eu assi  
sempre. chorauaos congrande amar- | gura do meu coraçõ. eedia.  
senhor queme | fezisti. amerceate demj. Eo abade Pan- <1.36  
Fólio 64vº c.2 l.01> nucio lhi disse. nõ pola tua pēdença | ti  
perdóou Deus os teus pecados. mais por | este cuydado que  
sempre ouuisti en teu | coraçõ perati perdoar. Ede pois quea  
oAbade | tirou da Cela uiueu. XV. dias efoy- | sse pera gloria  
do parayso. < 1.06

[VIDA DE TARSIS]

Versão B

ed. Ana Maria Martins

- fol. 66r 1. Aquy se começa a vida de Tarssis molher que / foy  
muyto peccatriz<sup>16</sup>//  
fol. 66v 2. Hũa mançeba<sup>17</sup> foy do mundo que chamavã<sup>18</sup> / Tarsis e era  
de tamanha fremosura que muitos / venderõ os beïs<sup>19</sup> que  
avyam por ella e veerom a / mui<sup>20</sup> gram pobreza e (e)ram<sup>21</sup>  
tantos amadores que ha / amavom que muitos moryam por  
ella e faziam / grandes pellegas<sup>22</sup>. Quando esto soube o  
abbade / Paunucio<sup>23</sup> ouve grande doo ã seu coraçõ<sup>24</sup> della

<sup>16</sup> peccatriz] JJN peccatrix.

<sup>17</sup> mançeba] JJN manceba (comportamento sistemático em Nunes, que deixo de anotar).

<sup>18</sup> chamavã] JJN chamavam (comportamento sistemático em Nunes, que deixo de anotar).

<sup>19</sup> beïs] JJN beës (comportamento sistemático em Nunes, que deixo de anotar).

<sup>20</sup> mui] muj, JJN muy.

<sup>21</sup> (e)ram] aram.

<sup>22</sup> pellegas] JJN pellejas.

<sup>23</sup> Paunucio] JJN Panuncio.

<sup>24</sup> coraçõ] JJN coraçõn.

Filol. lingüist. port., n. 4, p. 69-95, 2001.

/ e filhou panos de sagral por prezo de seu peca/do e  
chegou aa porta della e disse-lhe: - Quero cõti /go<sup>25</sup>  
fazer minha vontade. 3. E ella lhe disse que / entrasse  
pera dentro e ãtroy na primeira casa e a/charom huũ leyto  
mui boo de muitos panos / de grande vallor. E o abbade  
lhe disse: - A hy<sup>26</sup> / outra casa mais escusada e  
ascondida? E ella / dise<sup>27</sup>: - Ha, e queres que nos vaamos  
pera ella? E el di/sse: - Ssy. E ella dise: - Sse dos  
homeïs as<sup>28</sup> vergon/ça aqui te nom veerã nehuũ. E sse de  
Deos has / vergonça, nom ha logar hu sse o homẽ ascõ/da  
ante os seus olhos. 4. E quando o velho esto / ouvio,  
dise-lhe: - Sabes quem he Deos? E ella disse: / - Ssey. E  
o sseu rreygno<sup>29</sup> e o tormento que averam<sup>30</sup> a/quelles que  
mal fezerõ? E ella disse: - Ssy<sup>31</sup>. E o velho / lhe disse:  
- Se esto sabes porque fezeeste perder tan/tas almas? Que  
nam tam soamente pella tu/a, mais pellas de muitos que  
fezeeste perder, / porque<sup>32</sup> por todas daras<sup>33</sup> conto e  
rrazom a Deos. / 5. E ella quando esto ouvio, começou de  
chorar / fortemẽte e cayo-lhe<sup>34</sup> aos pees e disse-lhe que  
lhe / desse peendença e que orasse a Deos por  
fol. 67r ella e pe/dio-lhe espaço de tres dias e que a cabo<sup>35</sup> de  
tres // dias faria qualquer cousa que lhe el mandasse. 6.  
E / filhou cem marcos d'ouro e de prata e muito / aljofar  
e muitas outras doas e panos de sirg/o que tiinha e  
veo-sse cõ elle aa praça da vila / e começou de braadar e  
dizer: - Vinde veer amado / res do mundo o que eu  
convosco gaanhey como ho / eu aquy queymo e desy po-  
sse-lhe<sup>36</sup> o ffogo<sup>37</sup> e que/ymou-o e esto acabado foi-se  
pera o abbade e o abb/ade lhe mandou fazer huũa çella  
pequena a par<sup>38</sup> / d'hũ mosteyro de donas e mandou-lha  
muito / bem çarrar que lhe nom leixou sse nom<sup>39</sup> hũa

<sup>25</sup> cõtigo] JJN contigo (comportamento sistemático em Nunes, que deixo de anotar).

<sup>26</sup> A hy] ahy, JJN ahy.

<sup>27</sup> dise] JJN disse.

<sup>28</sup> as] JJN ás.

<sup>29</sup> rreygno] Reygno, JJN reyno.

<sup>30</sup> averam] JJN àverãm.

<sup>31</sup> ssy] JJN sy.

<sup>32</sup> porque] por q̃, JJN por que.

<sup>33</sup> daras] JJN darás.

<sup>34</sup> cayo-lhe] cayolhe, JJN cay+o-lhe.

<sup>35</sup> a cabo] JJN acabo.

<sup>36</sup> po-sse-lhe] posselhe, JJN posse-lhe.

<sup>37</sup> ffogo] JJN fogo.

<sup>38</sup> a par] JJN apar.

<sup>39</sup> sse nom] JJN senom.

jane/lla pequena per que visse e mandou-lhe que comesse<sup>40</sup> / hũu pouco de pom<sup>41</sup> e d'auga cada dia e mais nã / e tsynou-lhe como orasse e dise-lhe: - Tu nom es / digna de nomear o nome de Deos nã es digna / de alçar as maaos<sup>42</sup> contra o çeeo porque<sup>43</sup> os teuos<sup>44</sup> / olhos e os teus beyços e as tuas maaos ou/verom grandes<sup>45</sup> maldades e grandes pecados, / mais tam ssoomente olha contra ho ouryente / e pide assy: - Senhor Deos que me fezeste amerçea-te / de mÿ. 7. E ella esteve em aquella casa per tres / annos<sup>46</sup>. E o abbade Panunçio doeu-sse della e foy-/sse pera o abbade Antonio e cõtou-lhe todo o feyto / e rrogou-lhe<sup>47</sup> que orasse a Deos que lhe mostrasse sse lhe / perdoara os sseus p̃cados. E o abbade Anton/io chamou todos os seus discipolos e disse-lhes / que orassẽm a Deos sse perdoara os pecados aaquela / molher. 8. E Paullo o Sinprez o maior dos diçi/pollõs do abbade Antonio vyo viir pello çeeo / hũu

fol. 67v leyto mui bem afeytado de panos preçiosos // e tres virgees que o guardavã e Paulo coidou que / era o lleyto do abbade Antonio. 9. E hũa voz veo / do çeeo que lhe disse: - Nom he do abbade Antonio, / mais he de<sup>48</sup> Tarsys aquella molher que jaz emçarra/da. E Paullo o cõtou i outro dia ao abbade Pan/unçio. E o abbade Panunçio foy hu ella jazia / e disse-lhe: - Perdoado te tem Deos os teus pecados. / E ella lhe disse: - Despoys que aqui jaço de todolos / meus pecados fige hũa carrega e pugy-a ant(e)<sup>49</sup> / os meus olhos e senpre me deles doy. 10. E o / abbade lhe disse: - Nom te perdoou Deos pella tua / peen-dença, mais pello teu arrependim̃to. / E ella nom viveo mais XV dias<sup>50</sup>. E o abba/de vyo hyr a sua alma pera o çeeo cõ

<sup>40</sup> comesse] comeesse.

<sup>41</sup> pom] JJN pam (mas em nota de rodapé registra a forma do ms.).

<sup>42</sup> maaos] JJN mãaos (comportamento sistemático em Nunes, que deixo de anotar).

<sup>43</sup> porque] por q̃, JJN por que.

<sup>44</sup> teuos] JJN teus (mas em nota de rodapé registra a forma do ms.).

<sup>45</sup> grandes] JJN gramdes.

<sup>46</sup> annos] años, JJN años.

<sup>47</sup> rrogou-lhe] Rogoulhe, JJN rogou-lhe.

<sup>48</sup> de] JJN do.

<sup>49</sup> ant(e)] e em letra diferente.

<sup>50</sup> E ella nom viveo mais XV dias] E ella nom viveo mais XV dias (dias em letra e tinta diferentes, sobre rasura ilegível), JJN E ella nom viveo mais de XV dias.

gram cõ/panha d'angos<sup>51</sup> que faziam grande allegria cõ / ella. O Ssenhor<sup>52</sup> Deos que a ella per-dou os sseus<sup>53</sup> pe/cados, perdoe a nos<sup>54</sup> os nossos am̃. Deo gracias. //

#### 4. CONTORNO TEMÁTICO DAS DUAS VERSÕES

Embora não se possa afirmar se teriam sido testemunhos de uma mesma tradição, já que os elementos de que se dispõe não são suficientes para se avançar com alguma segurança nessa questão, em linhas gerais, a história contada em cada uma das edições é praticamente a mesma: uma bela prostituta, rica, disputada pelos homens, que é convencida pelas palavras de um abade a desistir da vida de "pecados", em prol de uma vida sofrida de grandes penitências, no isolamento de uma pequena cela durante três anos, ao cabo dos quais se vê perdoada, sendo levada "para a glória do paraíso", quinze dias depois.

Observe-se que no *Flos Sanctorum*, de que se extrai a Versão A, a história de Tassis é apresentada como um exemplo de doutrinação religiosa, entre muitos outros que compõem o manuscrito, como se lê claramente no título: "Aquisse segue outro exemplo (...)" enquanto no códice alcobacense é a própria vida de Tarsis que se anuncia.

As duas versões servem-se da mesma precisão em vários pontos: atribuem a Panunçio,<sup>55</sup> a Antonio e a Paulo os mesmos papéis que a hagiologia lhes reserva na história; coadunam no tempo de penitência e período de morte depois do perdão, seguindo, ao menos em relação ao período de clausura, a informação de Attwater (1965, p. 320), acima citada, mas contrariando ambas as quarenta noites que decorreram

<sup>51</sup> d'angos] dangos, JJN danjos.

<sup>52</sup> Ssenhor] ssenhor, JJN senhor.

<sup>53</sup> sseus] JJN seus.

<sup>54</sup> nos] JJN nós.

<sup>55</sup> Neste artigo, utiliza-se indistintamente as variantes gráficas que aparecem nas versões. Ademais, note-se que Antônio e Paulo foram monges que viveram na Alta Idade Média no Egito, não devendo ser, portanto, confundidos com seus homônimos, santos católicos muito populares no Brasil, que viveram em diferentes períodos da história cristã.

FILHO, Américo Venâncio Lopes Machado. "Aquisse começa huũ exēplo perque pode homẽ entēder algũas diferenças antre dous manuscritos que de consuũ tratam da vida de...

para o período de sua morte, indicadas por esse autor;<sup>56</sup> nas duas histórias, da mesma forma, o perdão decorre do arrependimento e não da penitência, fato que a princípio poderia ser achado ancilar, mas, na verdade, de extrema importância para a fundamentação doutrinal da obra; descrevem, também de forma muito similar, a visão que tem Paulo do leito guardado por três virgens, que pensara ser destinado a Antonio.

Não obstante, a narrativa da Versão A, provavelmente trecentista, é muito mais extensa e mais rica em detalhes, como se pode mesmo visualmente observar pela própria diagramação das duas edições neste trabalho.<sup>57</sup>

Outrossim, se podem apontar como exemplo diversas diferenças de informação nos dois testemunhos: enquanto na Versão A se explicita o Egito como espaço real identificável das ocorrências narradas, esse importante dado é omitido na Versão B, conquanto se possa admitir a hipótese de essa informação se encontrar implícita se se atentar para a "biografia" dos padres citados na história, que, segundo a tradição, teriam vivido nessa região; o assédio de Panuncio a Tassis, com o objetivo de convertê-la, se apresenta com graus de sutilidade bastante díspares: "Quero cõtigo fazer minha vontade", em B, contra "deulhi aquel soldo / come se quisesse pecar cõela", em A; o dinheiro também é diferentemente denominado: marco, na versão B, em oposição a libra e a soldo, na A (note-se que a libra foi moeda antiga do Egito e também moeda medieval portuguesa, assim como o soldo); em B, Tarsis pede prazo de três dias a Paunucio antes de seu enclausuramento, o que em A se dá imediatamente após queimar os haveres que ganhara durante sua vida de "pecado".

<sup>56</sup> No terreno das possibilidades, não se poderia porventura se admitir um lapso de leitura, tomando o autor XV (quinze) por XL (quarenta)?

<sup>57</sup> Uma contagem aproximativa de palavras em cada uma das versões indicaria que a Versão B apresenta 30% a menos de palavras do que a Versão A. Se se considerar que na edição de Machado Filho (2000) os vocábulos que se encontravam originalmente unidos foram conservados, mas na edição de Martins (1985) se apresentam separados, a percentagem de diferença da quantidade de palavras seria ainda maior.

*Filol. lingüíst. port.*, n. 4, p. 69-95, 2001.

## 5. A GRAFIA: ALGUNS ASPECTOS HETEROGÊNEOS

Bastante profusa por um longo período da história da escrita da língua portuguesa, nomeadamente no que concerne a obras manuscritas – já que, no tocante às edições impressas, alguns procedimentos-padrão deveriam ter começado a ser introduzidos, em função da necessidade de composição dos tipos gráficos (ao menos em uma mesma edição), a variação de grafia configurava-se como uma possibilidade muito freqüente de uso por parte dos amanuenses, principalmente durante o período arcaico da língua.<sup>58</sup>

É, como se sabe, muito comum se encontrar, em um manuscrito dessa época, em uma mesma sentença, por vezes em uma mesma linha, uma palavra escrita de diferente modo, incluindo aí os nomes próprios.

Não obstante, "o exame atento e crítico dessas variantes gráficas, em confronto com as de outros documentos de datas diferentes (...) [pode permitir] avaliar da antiguidade, e ainda, embora em pequena escala, da distribuição geográfica de certos fenómenos de natureza fonética ou de determinados tipos lexicais" (Bóleo & Silva, 1991, p. 47).

No presente confronto, em função da sinteticidade do trabalho, optou-se por se concentrar na observação das variantes gráficas relacionadas à realização do ditongo nasal final [ãũ], verbal e não-verbal, e de algumas consoantes constrictivas, seja em posição inicial ou medial da palavra.

Em relação à representação do ditongo nasal [ãũ] em vocábulos não-verbais, observa-se que a versão A tem um comportamento estritamente etimológico na grafia desses elementos.

Encontram-se *mão/mãos* (02) < (lat. *manu-*), *oraçom* < (lat. *orãtione*), *razon* ~ *arrazon*<sup>59</sup> < (lat. *rãtione*), *pã* < (lat. *pãne-*), em perfeita corres-

<sup>58</sup> Note-se que a primeira lei que regulamenta a ortografia em língua portuguesa só vem a ser promulgada no ano de 1911.

<sup>59</sup> Observe-se que na Versão A os vocábulos originalmente unidos não foram separados na edição.

pondência às terminações nominais latinas *-ANU*, *-ONE*, *-ANE*, assim como os itens gramaticais *nō* (13)<sup>60</sup> < (lat. *non*), *cō*<sup>61</sup> (05) < (lat. *cūm*), *tā* (04) < (lat. *tam* ~ *tantum* (apocopado)) exibem coerente correlação das mudanças fônicas decorrentes de seus respectivos étimos latinos.

Curiosamente, na Versão B, conquanto na maior parte das vezes a correspondência etimológica tenha sido mantida, como em *rrazom*, *cō* etc., duas ocorrências se contrapõem ao paradigma: *pom* (pão) e *nam*<sup>62</sup> (não), em que, pelos respectivos étimos, se poderiam esperar *pā* ~ *pam* ~ *pan* e *nō* ~ *nom* ~ *non*, podendo indicar que nessa versão quatrocentista já se denuncia a variação que vai resultar na uniformização da grafia em *-ão*, do ditongo nasal tão próprio do português e ao que se sabe "de dialetos do sardo" (Mattos e Silva, 1991, p. 75) no quadro geral das línguas românicas modernas.

Ademais, como se pode verificar no Quadro 1, a seguir, na Versão B, a preferência pela utilização de *-m* final para representar o travamento nasal, tanto para as palavras grafadas com *-o*, quanto para as com *-a* final, é quantitativamente muito maior do que a utilização do sinal diacrítico til, correspondendo a 75% de todas as ocorrências.

Em contrapartida, na Versão A, a preferência recai inversamente sobre o til em 80,64% dos casos, com o *-n* final representando 16%, e o *-m* final 3,23%, com apenas uma ocorrência.

**Quadro 1: Representação gráfica do ditongo nasal final [ãũ] em vocábulos nominais**

	-ō	-om	-on	-ã	-am	-an	-ão
Versão A	nō(13) cō(05) coraçō(02)	oraçom	con razon arrazon vison	tã(04) pã			mão mãos(02)
Versão B	cō(03) coraçō	nom(08) rrazom pom			lam(02) gram(02) nam		

<sup>60</sup> O número entre parênteses representa a frequência do vocábulo no manuscrito.

<sup>61</sup> Mais uma ocorrência grafada *con*.

Note-se que alguns estudiosos de textos antigos costumavam apontar o *-m* final como elemento diferenciador entre documentos produzidos ao norte do rio Douro – na original área do galego-português portanto – e os escritos efetivamente em zona portuguesa.

Essa idéia encontrou resistência no trabalho desenvolvido por Clarinda Maia, que assegura, com diversos exemplos retirados de documentos galegos e com base em trabalho precedente de Atanasio López, que "a grafia *-m* em final de palavra não é um pormenor que diferencie os documentos da Galiza e de Portugal" (Maia, 1986, p. 306, n. 4).

Sem se renunciar a essa observação e sem desmerecer o seu valor, parece faltar uma quantificação contrastiva dos dados para que se pudesse definitivamente descartar a possibilidade de utilização desse elemento como diferenciador geo-dialetal,<sup>63</sup> já que apenas a ocorrência de determinada variante gráfica não o poderia assegurar, em função de ser a variação, *per se*, mecanismo inerente a qualquer sistema lingüístico. Parece que seria a frequência de uso e não a mera possibilidade de ocorrência de variantes o melhor indicador para tais situações.

Observe-se que sobre as origens do *Flos Sanctorum* de que se extrai a Versão A aqui utilizada no confronto, o professor Serafim da Silva Neto cogita a possibilidade de esse manuscrito "ter pertencido originariamente a alguma igreja ou mosteiro de Braga ou arredores" (Silva Neto, 1960, p. 299) o que circunscreveria esse documento ao domínio dialetal em que se conformara as bases do galego-português. Rosa Virgínia Mattos e Silva, ao tentar identificar o *scriptorium* em que teriam sido produzidos os *Diálogos de São Gregório*, que integram o mesmo conjunto de manuscritos em que se insere o *Flos Sanctorum*, chega a afirmar que quanto a sua origem "se pode excluir com certa

<sup>62</sup> Nas outras ocorrências dessa palavra no texto a correspondência etimológica foi, entretanto, mantida.

<sup>63</sup> Nesse ponto, não estão em foco as diferenças de natureza fônica que as representações gráficas poderiam indicar, mas a própria preferência por um ou outro grafema que cada área (notário ou *scriptorium*) poderia imprimir na representação dessas ocorrências.

FILHO, Américo Venâncio Lopes Machado. "Aquisse começa huũ exêplo perque pode homẽ entêder algũas diferenças antre dous manuscritos que de consuĩ tratam da vida de...

margem de segurança, Alcobaça ou Santa Cruz de Coimbra", que se situavam na região que compreende o Centro-Sul do País e eram de fato "os *scriptoria* mais produtivos do Portugal medieval" (Mattos e Silva, 1989, p. 57), haja vista o legado bibliográfico histórico que se dispõe hoje desses centros de produção.

No que concerne, ainda, à representação do ditongo nasal final, na terceira pessoa do plural dos verbos, o comportamento em cada uma das versões é o que se apresenta no Quadro 2 seguinte.

Quadro 2: Representação gráfica do ditongo nasal final [ãũ] em vocábulos verbais

	-ã	-om	-on	-ã	-am	-an	-ão
Versão A	disserõlhi		partiro n son	malauã(02) poderiã faziã erã leyxariã uediã auiã iazã	lariam	an(04)	aguardauano
Versão B	vederõ	veerom amavom acharom ouverom		chamavã guardavã	laziã(02) avyã eram moryã averã		

Novamente se confirma a preferência de utilização do til na Versão A, com 55% das ocorrências, seguido do *-n*, com 38%, e apenas uma ocorrência de *-m*, em 5,55% do total.

Em B, é mais uma vez o *-m* final que representa na maioria dos casos o travamento nasal, com 77%, enquanto o til aparece apenas em 23% no geral de empregos.

É na Versão B, ainda, que se observa uma variação gráfica antietimologizante, como em *amavom* < (lat. *ama#bant*), cuja desinência *-ANT* é contrariada, em favor de uma possível confusão com a terminação *-UNT*.

Filol. lingüist. port., n. 4, p. 69-95, 2001.

A respeito da obediência ao étimo latino é interessante a observação de Clarinda Maia, ao discorrer sobre os aspectos da história do galego-português:

Ao passo que no século XIII se verifica uma fidelidade absoluta à terminação etimológica, ocorrendo *-ã*, *-an* ou *-am*, no século seguinte começam a surgir, embora com carácter excepcional, faltas de concordância com a terminação latina. Os exemplos de desvios das terminações mais antigas tornam-se sobretudo freqüentes no século XV. (Maia, 1986, p. 740)

Embora os resultados da observação da representação das sibilantes nos dois textos não sejam muito elucidativos, alguns comportamentos merecem interesse de nota. O grafema *-s-*, equivalente sonora intervocálica das ápico-alveolares, em apenas uma ocorrência na Versão A, entre todas levantadas, não coaduna com a sistemática regularmente utilizada, como em *deytouse*, em que a grafia *-ss-* seria esperada. Contrariamente, na Versão B, o emprego do grafema *-s-* parece poder oscilar entre a representação de surda e sonora, independentemente de ocorrer em contexto intervocálico, como em *dise(03) / dise-lhe: casa(03), escusada, cousa* etc.

Clarinda Maia, sobre o tipo de grafia paralela dessa sibilante, afirma que, diferentemente da Galiza, em Entre-Douro-e-Minho, Norte de Portugal, não ocorrem confusões desse gênero, em função de essa região ser "ainda hoje, em parte, zona de distinção entre as sibilantes ápico-alveolares e as pré-dorso-alveolares", mas ao contrário "ocorrem em documentos do Centro e Sul de Portugal, a partir do século XIII" (Maia, 1986, p. 456-7), leve indício que pode sugerir que a Versão A seja de origem nortenha.

Nas *Estruturas Trecentistas*, que têm como texto de base de análise a mais antiga versão dos *Diálogos de São Gregório*, do mesmo conjunto de manuscrito de que faz parte o *Flos Sanctorum*, como anteriormente se comentou, não há "variação na representação das surdas correspondentes" (Mattos e Silva, 1989, p. 93) às pré-dorso-dentais e ápico-alveolares, e senão, por pouquíssimos casos, em relação à variação *-s- ~ -z-* "há todo um conjunto do *corpus* perfeitamente coerente com o latim de que provém" (Mattos e Silva, 1989, p. 92). A Versão A, diferentemente da B, parece, pois, seguir essa mesma tendência.

FILHO, Américo Venâncio Lopes Machado. "Aquisse começa huũ exēplo perque pode homẽ entēder algũas diferenças antre dous manuscritos que de consuũ tratam da vida de..."

Diferencia, ainda, as duas versões, a utilização de *ss-*, em posição inicial absoluta, que ocorre em B, mas não aparece na Versão A, conquanto seja um recurso utilizado quando a palavra aparece ligada a outro vocábulo, provavelmente para evitar sua interpretação como sibilante sonora, como em *Aquisse* e *Essabes*, entre outros exemplos.

Um fato morfo-fônico de extrema importância revelado através da grafia dos documentos relaciona-se à questão do participio passado dos verbos da segunda conjugação.

Enquanto na Versão A se mantém a utilização da vogal temática em <u>, na forma *ascondudo* (O2), de uso canônico em documentos de grande parte do século XIV, "já que começam a deixar de aparecer na língua escrita nos fins do século XIV, para progressivamente desaparecerem ao longo do século XV" (Mattos e Silva, 1971, v. I, p. 99), no documento editado por Martins (1985), a vogal temática encontrada nesses casos é <i>, *ascondida*.

Do ponto de vista da cronologia dos textos, é esse dado bastante favorecedor para o distanciamento temporal dos dois manuscritos, por ser uma das características de oposição entre o período arcaico e moderno da língua já bastante monitorada por diversos estudos sobre a questão.

Note-se que na *Carta de Caminha*, do último ano do século XV, o participio passado "tanto em função verbal como adjetiva, já apresenta a forma analógica, e não a etimológica, com a vogal temática <i>" (Mattos e Silva, 1996, p. 20).<sup>64</sup>

No tocante à pontuação, as diferenças de critérios de transcrição não permitem um confronto direto, já que foi integralmente conservada na Versão A, mas "quanto possível" (Castro, 1985, p. 15) mantida na Versão B.

Não obstante, o inventário de sinais patente nos dois textos é bastante diferente. O *punctus elevatus* [ ! ] e a *virgula suspensiva* [ / ], sinais de pontuação medievais que serviam para marcar diferentes graus de pausa no enunciado (cf. Machado Filho, 1999), quer relacionadas a uma sistemática de natureza gramatical, quer prosódica, sequer aparecem

<sup>64</sup> É certo que o final em <udo> ainda aparece na obra de Gil Vicente, como provável recurso literário de marcação tipológica de personagem. (cf. Mattos e Silva, 1994, p. 43)

*Filol. lingüíst. port.*, n. 4, p. 69-95, 2001.

no documento quatrocentista, conquanto sejam muito frequentes na Versão A, denunciando do ponto de vista cronológico, também nesse aspecto, seu distanciamento temporal.

## 6. DIFERENÇAS DE NATUREZA MORFOSSINTÁTICA

O primeiro tópico nesse âmbito a despertar interesse de análise condicionou-se à observação da possibilidade de ocorrência dos elementos *hi* e *ende*, suas variantes gráficas ou seus resultados decorrentes de aglutinações, nos dois textos, em função do projeto de doutoramento deste autor, em fase de andamento, que pretende investigar a trajetória desses anafóricos na história da língua portuguesa, tendo como texto de base de análise, para o século XIV, a edição paleográfico-interpretativa do *Flos Sanctorum*, manuscrito Serafim da Silva Neto, cuja primeira leitura se encontra ora concluída.

Pelo que se sabe, esses elementos *hi* e *ende* durante algum tempo do período arcaico da língua portuguesa tiveram um funcionamento semelhante aos anafóricos do francês contemporâneo *y* e *en*.

Para Teyssier (1981, p. 6),<sup>65</sup> "o anafórico refere-se a um objeto anteriormente citado no discurso", opondo-se à dêixis que "situa um objeto no universo".<sup>66</sup> Seus limites, porém, não são, hoje, tão facilmente depreensíveis devido à imbricação pragmática que esses conceitos normalmente acarretam, sendo, por vezes, difícil determinar inequivocamente sua classificação.

Na observação das duas versões da [Vida de Tarsis], dos dois elementos anafóricos, apenas o *hi* é detectado. O *ende* estranhamente não se encontra presente em ambos os documentos, inclusive não apa-

<sup>65</sup> Utilizam-se como referência as páginas originais do artigo de Paul Teyssier, embora as citações utilizadas sejam extraídas de sua tradução para o português, fotocopiada, realizada pelo autor deste artigo em 1998.

<sup>66</sup> São esses conceitos básicos que nortearão este trabalho, não se pretendendo avançar sobre as diversas interpretações teóricas que têm sido dadas para a anáfora pelas várias correntes da Linguística.

rece em formas aglutinadas ou locucionais, mesmo com a forma da conjunção que veio progressivamente depois a assumir em *porende* ~ *poren* valor adversativo.

Talvez fosse de antemão esperado que o *ende* e suas variantes não ocorressem na versão quatrocentista da [Vida de Tarsis], já que segundo Teyssier (1981, p. 37) *ende* "sai do sistema", no século XV, não mais se manifestando na *Crônica de D. Pedro*, de Fernão Lopes (cronista da Corte de D. Duarte), cujo texto foi *corpus* único de análise por ele utilizado para essa sincronia. Mas seria de *a priori* se esperar sua detecção na versão do século XIV.

Mais uma vez a questão da extensão do *corpus* pode ser posta em evidência. Embora não apareça especificamente na [Vida de Tarsis], o *ende* é regularmente utilizado em outros textos integrantes do *Flos Sanctorum*, de que essa narrativa faz parte, e também na versão mais antiga dos *Diálogos de São Gregório*. Não se pode, portanto, sobre esse elemento, neste trabalho, se avançar conjecturalmente.

Quanto ao *hi*, dois aspectos fundamentais se evidenciam: a frequência e a função desempenhada em cada uma das versões.

Na Versão B, na sua forma independente, o *hy* é encontrado uma única vez: *e ětrou na primeira casa e acharom huũ leyto mui boo de muitos panos de grande vallor. E o abbade lhe disse: – A hy outra casa mas escusada e ascondida?*, cujo sentido anafórico pode ser estabelecido em relação a *primeira casa*, na linha anterior.

Uma interpretação de função dêitica não poderia ser, entretanto, desprezada, em que *hy* assumisse o papel de locativo, correspondendo à segunda pessoa do discurso, em oposição à primeira pessoa de Paunucio, que formula o enunciado, em conformidade com o sistema adverbial ternário moderno, composto por *aqui*, *aí* e *ali*, que parece hoje, não sem alguma variação, existir. Para Teyssier (1981, p. 37) o *hi* teria desaparecido "como anafórico puro", na obra de Gil Vicente (século XVI), fazendo "nascer um dêitico novo *aí*, que se inseriu entre *aqui* e *ali*".

A outra ocorrência nessa versão refere-se a *desy*: *o que eu convosco gaanhey como ho eu aquy queymo e desy po-sse-lhe o ffogo*, locução adverbial fixa, com sentido de *em seguida*, muito comum nos textos medievais.

Vejam-se, no entanto, as 11 ocorrências de *hi* que aparecem na Versão A:

i) *enguysa queas portaes da sa casa. iaziã todos cheos de sanguy dos homẽs que se hi matauã por ela;*

ii) *e el entrãdo ensa casa. deulhi aquel soldo come se quisesse pecar cõela cáa tãtolhi daua cada huũ dos outros. Ela tomoo pela mão e cõuidoo. que seuesse cõ ela enhuũ leyto estrado de uestiduras preciosas. Eele lhi disse. Ahy outro logar mais ascondudo;*

iii) *en aqueste logar enque séemos. nõ entra homẽ domũdo queseia. se nõ quẽ eu hy trago?*

iv) *eu ti digo que nõ ha logar ascondudo enque Deus presente nõ seia eenque nõ ueia todalas cousas quese hi fazẽ;*

v) *Essabes tu que ahy Deus?* (na seqüência do enunciado anterior em referência a *logar ascondudo*);

vi) *Eela disse. sey / quea hy Deus !* (idem);

vii) *enhuũ Moesteiro. de uirgées ! e ensarroa enhũa Cela pequena que hy auia !;*

viii) *eseelou aporta da Cela de chũbo. Eleixou hi hũa feestra pequena;*

ix) *Eassio faziã aqueles que hi erã per mãdado do abade;*

x) *eabrio aporta da Cela que era seelada de chũbo que ele hi posera.;*

xi) *E ela orogaua quea leixasse aynda hi iazer* (na seqüência do enunciado anterior).

Como se pode observar o *hi*, nessa versão, faz com que se possa em todas as ocorrências recuperar no enunciado o termo antecedente, a que substitui, com clara função anafórica. Mesmo no exemplo *ix*, o distante termo *Moesteiro*, algumas linhas acima (fol. 64r, c.2, l. 4) pode a esse anafórico ter perfeitamente correlacionada a sua ação referencial.

As ocorrências *v* e *vi* são, sobretudo, as mais relevantes para a compreensão da representação da anáfora pelo elemento *hi* na versão trecentista.

Se se procurasse uma interpretação para uma função dêitica desse elemento, no estrito senso que aqui se adota, no diálogo implementado por Paunucio com Tassis, dificilmente se lhe poderia inflectir.

FILHO, Américo Venâncio Lopes Machado. "Aquisse começa huũ exēplo perque pode homẽ entēder algũas diferenças antre dous manuscritos que de consuũ tratam da vida de..."

Ao lhe perguntar Panuncio se *ahy Deus*, se esse elemento objetivasse demonstrar dêixis espacial, seria de se esperar que Tassis lhe houvesse respondido *a aqui Deus*, confirmando o paradigma que se estabeleceria entre as pessoas do discurso. Contrariamente, o *hi* é retomado por Tassis, com explícita função anafórica, descartando-se, portanto, a propriedade de uma interpretação dêitica.

A partir da observação do elenco de fatos propostos por Mattos e Silva (1971, p. 81) para o trabalho de caracterização da linguagem na versão mais antiga conhecida dos *Diálogos de São Gregório*, despertou-se por circunscrever doravante a análise do presente artigo ao comportamento de três fatores, dos diversos de natureza morfossintática de sua proposta: a morfologia dos demonstrativos, a morfologia dos possessivos e o morfema número-pessoal da segunda pessoa do plural.

Quanto ao primeiro item, o levantamento em ambas as versões aponta para a conformação apresentada no Quadro 3 seguinte.

Quadro 3: Ocorrências de demonstrativos nas duas versões

Versões	Variáveis				Invariáveis	
	Masculino		Feminino		simples	reforçado
	simples	reforçado	simples	reforçado		
<b>Versão A</b>						
Posição 1	este (02)	aqueste (02)	esla (04)	(d)aquesta	esto (04)	
Posição 2						
Posição 3		aquel(e)(s) (05)		(d)aquela(s) (07)		aquelo
<b>Versão B</b>						
Posição 1					esto (05)	
Posição 2						
Posição 3		aquelles		aquel(l)a (03)		

Uma primeira avaliação da distribuição das ocorrências dos demonstrativos, no quadro acima, logo indica frequência de uso bastante dessemelhante entre os dois documentos, nomeadamente em relação ao uso das variáveis simples e das reforçadas, próprias à posi-

*Filol. lingüist. port.*, n. 4, p. 69-95, 2001.

ção 1,<sup>67</sup> que embora representativas na edição de Machado Filho (2000), não se explicitam na Versão B.

Sabe-se que a forma reforçada *aqueste*, assim como suas possibilidades flexionais, após um período de variação com *este*, vem a desaparecer do sistema, já sendo extremamente rara na *Crônica de D. Pedro*, de Fernão Lopes, documento quatrocentista, em que representa pouco mais de 1% das ocorrências em relação ao uso de *este(a)(s)* (Teyssier, 1981, p. 17), aparecendo "mais do que nunca como uma sobrevida" na obra de Gil Vicente, do século XVI, em que a forma *este* é francamente preferida.

Se por um lado, não permita a princípio uma afirmação sobre a frequência de uso dessa forma no documento editado por Martins (1985), por outro, o quadro acima parece corroborar a idéia de mais antiguidade da Versão A, já que esse elemento reforçado se encontra percentualmente ativo nesta versão.

Não obstante, para maior segurança de análise, um rápida observação à versão quatrocentista da [Vida de Santa Pelágia], que se encontra no mesmo códice alcobacense de onde se extrai a Versão B da [Vida de Tarsis], fez-se necessária.

Mesmo sem se poder dispor de uma contagem mecânica a fim de aqui oferecer maior rigor quantitativo, observou-se que as formas variáveis *este(s)* (09), *esta(s)* (12), *deste* (02), *desta* (02) e a invariáveis *esto*, (07) e *desto* (03) são as utilizadas no documento, sem qualquer ocorrência da correspondente reforçada, o que parece referendar a interpretação de que sua ausência na Versão B poderia ser também considerada, sem a necessidade de ter ocorrido a forma correspondente simples.

No tocante às formas invariáveis ambos os documentos exibem em sua grafia as formas mais arcaizantes desses demonstrativos na

<sup>67</sup> Apresentam-se aqui os demonstrativos consoante à posição que normalmente aparecem nas gramáticas normativas em relação às pessoas gramaticais, cujo uso nem sempre pareceu corresponder plenamente ao que nelas se encontra prescrito. Para novos dados diacrônicos da descrição do funcionamento dos demonstrativos na língua portuguesa, cf. Sílvia Silva (2000).

FILHO, Américo Venâncio Lopes Machado. "Aquisse começa huũ exêplo perque pode homẽ entẽder algũas diferenças antre dous manuscritos que de consuũ tratam da vida de..."

posição 1, sem qualquer ocorrência da forma metafonizada *isto*, que viria a se tornar hegemônica no sistema, situação que perdura ainda hoje. Na Versão A aparece ainda a forma reforçada não metafonizada *aquelo*, na posição 3.

Quanto à morfologia dos possessivos é o seguinte seu quadro nos dois documentos:

Quadro 4: Ocorrências de possessivos nas duas versões

Pessoas	Versão A		Versão B		
	Masculino		Feminino	Feminino	
	possuidor único	Vários possuidores	Masculino		
1ª	meu(s) (06)	nossos	mha	meus (02)	minha
2ª	teu(s) (05)		la(s): tua (02)	teu(s) (03) - teuos	tua(s) (02)
3ª	seu(s) (08)		sa (03)	seu(s) (04) - sseu(s) (03)	sua

Segundo Mattos e Silva (1971, p. 97), o português arcaico possuía "duas séries de femininos": uma utilizada em posição átona *ma, ta, sa* e outra em posição tônica, *minha, tua e sua*, tendo a primeira série desaparecido provavelmente depois do século XV, não sem antes ter experimentado certa oscilação de uso em posição tônica.

No confronto das duas edições, observa-se que as formas átonas não mais ocorrem na Versão B, conquanto em todas as vezes em que apareçam na Versão A mantenham o paradigma de uso estritamente átono, ou seja, "antepostas a um substantivo" (Nunes, *apud* Mattos e Silva, 1971, p. 97).

Nas duas ocorrências da forma tônica na Versão A, porém, já transparece seu uso alternado, como se pode observar nas duas seqüências: a) *solamẽte es tehuda adar razon da tua. | mais daquelas que se perdem perti*; b) *nõ pola tua pẽdença | ti perdõu Deus os teus pecados*, o que poderia indicar o avanço dessa forma tônica em contextos antes reservados às átonas.

*Filol. lingüíst. port.*, n. 4, p. 69-95, 2001.

Esse dado não invalida a posição de mais uma vez considerar o distanciamento temporal dos dois textos, caracterizando como provavelmente mais antigo aquele que exhibe as formas átonas em seus enunciados.

Finalmente, observando, nos dois documentos, a presença da terminação *-des*, morfema número-pessoal da segunda pessoa do plural, que se realizava no português arcaico e que posteriormente pela síncope do *-d-* intervocálico sofre ora um processo de ditongação, como em *amade* (port. arc.) > *ama / es* > *amais* (port. contemp.),<sup>68</sup> ora um processo de crase, como em *partides* (port. arc.) > *parti / is* > *partis* (port. contemp.),<sup>69</sup> pôde-se verificar que a natureza do texto não permitia muitos contextos em que tivesse seu uso favorecido.

Apenas uma vez ocorre nos textos em análise, no Imperativo Afirmativo do verbo *vir*, que como se sabe, assim como outros verbos monossilábicos, manteve o paradigma antigo da língua, que também sobrevive no Infinitivo flexionado dos verbos. Não obstante, vejamos os exemplos nas duas edições: Versão A: *Vinde veer amado / res do mundo o que eu convosco gaanhey*; Versão B: *uĩnde | uéer como eu queymo todalas cousas | quemj destes*.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se intentar empreender o confronto dos dois documentos tinha-se em foco, primeiramente, dar notícia da existência de uma outra versão sobre a vida de Tarsis, já que segundo Duarte (1993, p. 675) a versão alcobacense editada por Martins (1985) seria "o único testemunho medieval conhecido, em português, desta lenda", existindo apenas "uma versão abreviada (pequeno menolégio) de tradição diferente".

<sup>68</sup> Note-se que no português brasileiro essas formas parecem ser dificilmente registradas na fala coloquial.

<sup>69</sup> Cf. Mattos e Silva (1989, p. 343).

FILHO, Américo Venâncio Lopes Machado. "Aquisse começa huũ exẽplo perque pode homẽ entẽder algũas diferenças antre dous manuscritos que de consuũ tratam da vida de...

Depois, observar até que ponto as diferenças entre as duas versões não poderiam descortinar indícios de fases distintas da língua ou mesmo do espaço geo-dialetal em que se produziram esses documentos, especificamente o extraído do *Flos Sanctorum*, que como se sabe é de origem incerta.

As características lingüísticas levantadas parecem permitir referendar a Versão A como a mais antiga entre as duas analisadas, conquanto ainda não possa determinar contundentemente uma datação mais precisa, senão aquela proposta por Silva Neto (1960) e Mattos e Silva (1971) de se tratar de um documento do século XIV, quiçá anterior, talvez do século XIII.

Em referência ao espaço de produção, só uma pesquisa mais minuciosa, sobre o *Flos Sanctorum*, pode trazer algumas certezas.

Esse trabalho é um passo já iniciado.

## BIBLIOGRAFIA

- ATTWATER, D. (1965) *The Penguin dictionary of saints*. Middlesex, Penguin Books.
- BÓLEO, M. de P.; SILVA, M. H. S. (1991) O Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental. In CASTRO, I. (org.) *Curso de História da língua portuguesa* (Leituras complementares). Lisboa, Universidade Aberta, p. 40-78.
- CASTRO, I. et al. (1991) *Curso de História da língua portuguesa*. Lisboa, Universidade Aberta.
- CASTRO, I. (dir.) (1985) *Vidas de Santos de um manuscrito alcobacense* (Coleção mística de fr. Hilário da Lourinhã, Cód. Alc. CCLXVI / ANTT 2274). *Separata da Revista Lusitana*. Nova série, n. 4 (1982-83) e 5 (1984-85). Lisboa, INIC.
- DUARTE, L. F. (1993) *Vida de Tarsis*. In LANCIANI, G.; TAVANI, G. (orgs.) *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa, Caminho, p. 675.
- MACHADO FILHO, A. V.L. (2000). *Edição paleográfica interpretativa da [Vida de Tassis] de um Flos Sanctorum do século XIV*. Salvador, Instituto de Letras da Ufba, digitado. Inédito.
- \_\_\_\_\_. (1999) *A Pontuação em manuscritos medievais portugueses*. Salvador, Instituto de Letras da Ufba. Dissertação de Mestrado. Inédita.
- MAIA, C. de A. (1986) *História do galego-português: estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI* (Com referência ao galego moderno). Coimbra, INIC.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1964) *A Sociedade medieval portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa.

*Filol. lingüíst. port.*, n. 4, p. 69-95, 2001.

- MARTINS, A. M. (ed.) (1985) [Vida de Tarsis]. In CASTRO, I. (dir.) (1985) *Vidas de Santos de um manuscrito alcobacense* (Coleção mística de fr. Hilário da Lourinhã, Cód. Alc. CCLXVI / ANTT 2274). *Separata da Revista Lusitana*. Nova série, n. 4 (1982-83) e 5 (1984-85). Lisboa, INIC.
- MATTOS E SILVA, R. V. (1971) *A Mais antiga versão portuguesa dos "Quatro livros dos diálogos de São Gregório"*. Edição crítica com Introdução e Índice geral das palavras lexicais. São Paulo, Universidade de São Paulo, 4 vol. Mimeo. Tese de doutoramento. Inédita.
- \_\_\_\_\_. (1989) *Estruturas trecentistas: Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa, IN-CM.
- \_\_\_\_\_. (1991) *O Português arcaico: Fonologia*. São Paulo, Contexto.
- \_\_\_\_\_. (1994) *O Português arcaico: Morfologia e sintaxe*. São Paulo, Contexto.
- \_\_\_\_\_. (1996) *A Carta de Caminha. Testemunho lingüístico de 1500*. Salvador, Edufba.
- SILVA, Sílvia S. (2000) *Demonstrativos, dêicticos e anafóricos: duas sincronias em confronto (séculos XV e XVI)*. Salvador, Instituto de Letras da Ufba. Dissertação de mestrado. Inédita.
- SILVA NETO, S. da (1960) *Língua, Cultura e Civilização (Estudo de Filologia portuguesa)*. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- TEYSSIER, P. (1981) Le système des déictiques saptiaux en portugais aux XIV<sup>e</sup>, XV<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> siècles. *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, n. 6, p. 5-39.
- VASCONCELOS, C. M. (1946) *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa, Revista de Portugal.

ABSTRACT: This paper draws a linguistic comparison of two medieval manuscripts written in Portuguese, from the 14<sup>th</sup> and 15<sup>th</sup> centuries, whose subject is related to the life of saint Thais (a notorious sinner that later was brought to the Christian dogma) based on the editions presented in Machado Filho (2000) and Martins (1985), upon which briefly correlations and dissimilarities are pointed out, regarding their contents, spelling, morphological and syntactic aspects.

Keywords: Historical Linguistics, linguistic change, archaic Portuguese, medieval manuscripts.